

Há otimismo no governo brasileiro. O ministro Bresser Pereira já fala que a moratória está acabando. Em Nova York, o bom humor do enviado especial Fernão Bracher surpreendeu.

Situação “quente”. Apesar do frio.



Os negociadores brasileiros entraram para o que parecia ser a reunião decisiva com os banqueiros credores, ontem, às 19h30 (horário do Brasil), brincando com os repórteres: “Vão armar uma cabaninha aí, para esperar o resultado?”

Os repórteres gelavam na esquina das ruas 53 e Lexington, em Manhattan, na entrada do prédio dos escritórios de advocacia Shearman e Sterling, consolando-se com os indícios, de todas as fontes, de que “a situação está cada vez mais quente”.

Para surpresa de todos, ontem foi o dia em que o emissário especial do ministro Bresser Pereira às negociações, Fernão Bracher, apareceu três vezes seguidas, parando para cumprimentos e poucos comentários. Quase não houve tempo para que almoçassem o “palafel”, sanduíche nacional de Israel, vendido por um árabe numa carrocinha estacionada no Citicorp Center. Nem puderam ver, ontem, aquela misteriosa mulher, muito bem agasalhada contra o frio, que diariamente aparece para conversar com os pombos, e que os zeladores do prédio acham que “é louca”.

As negociações estavam agitadas, ontem. Seus participantes, entrando e saindo, davam a impressão de que chegavam ao final do trabalho, prontos para a celebração do halloween, amanhã, nos Estados Unidos. Falava-se que já se encontravam na fase de escrever o comunicado final, que será “longo, a pedido do Brasil, que faz absoluta questão de que todos os detalhes sejam divulgados”.

Desde cedo, ontem, tanto brasileiros quanto americanos faziam questão de não alimentar expectativas. Assim, o porta-voz do comitê dos bancos credores avisava que não se esperasse nenhum comunicado para mais tarde. E Fernão Bracher, na primeira

aparição que fez, quando lhe perguntaram se o acordo era “para hoje”, declarou:

“Hoje não sei, com certeza”. Quando um repórter afirmou que o FMI era um dos obstáculos finais, ele ironizou: “Mas quem disse que o FMI está impedindo um acordo?” Será que a notícia de um acordo será dada pelos bancos, ou haverá um comunicado da delegação brasileira? Bracher gostaria de que houvesse condições para uma entrevista coletiva à imprensa, num horário que respeite o fuso horário, mas não sabe “que hora vai sair, quando vai sair... Hoje não está com jeito de que sairá”.

E Fernão Bracher explicou o que o levava a sair da reunião uma hora depois de ter entrado, às 15h20 locais, 18h20 no horário brasileiro: “Conversamos um pouco e (os banqueiros) pediram um tempo para redigir umas minutas. Nós vamos ao escritório redigir alguns pontos também (o escritório de advocacia Arnold e Porter, que cuida dos interesses do Brasil, a dois quarteirões dos advogados do comitê dos bancos credores). A idéia é a de voltarmos dentro de uma hora”.

Como o rumor era o de que essas “minutas” são os textos que faltam ao acordo, ou de que na verdade Fernão Bracher ia para um telefone ler o texto de um acordo para o ministro Bresser Pereira, no Brasil, insistiu-se, ali na rua, a temperatura baixando cada vez mais, agora a uns 8 graus, em confirmar: “Há ou não um acordo à vista? Ele já está fechado?”

“Ainda não”, respondeu Bracher.

— Qual o problema?

“Ainda há vários pontos pendentes...”

— O problema está com os americanos? A bola passou de novo para o lado deles?

Rindo um pouco, Bracher respondeu: “Cada um joga a bola para o outro”.

— E o governo americano? Como tem

atuado? (o repórter lembrou que o **Wall Street Journal** da manhã falava, num artigo sobre as negociações, que o governo americano estava exercendo pressão sobre os bancos americanos para a conclusão rápida de um acordo).

“O governo americano tem sido cooperativo”, explicou Fernão Bracher, diplomaticamente. “Tem procurado entender as situações. E tem dado a sua colaboração como autoridade reguladora do País.” Diante de uma outra pergunta, sobre a desunião dos banqueiros nestas negociações, ele comentou: “Cada um dos banqueiros tem uma posição que não é necessariamente coincidente com as dos demais sobre cada um dos assuntos”. E quanto a valores postos na mesa de negociações, acrescentou:

“A proposta feita pelo Departamento do Tesouro e o Federal Reserve (a de abertura de uma conta no Banco Internacional de Compensação, na Basileia, em que o pagamento simbólico do Brasil e um novo refinanciamento dos juros, pelos bancos, ficariam depositados em consignação) fala em valores equivalentes ao total dos juros, que são estimados em 4,5 bilhões de dólares”.

Fernão Bracher não quis comentar as informações de que o ministro Bresser Pereira teria dito que dia 15 de novembro o Brasil depositará 500 milhões de dólares, e os bancos, 1 bilhão de dólares, e que no dia 15/12, mais 1 bilhão, e os bancos, 2 bilhões de dólares. “Vocês ficam plantando verde aí...”, e entrou pela porta giratória, surdo a novas perguntas, seguido do diretor da dívida externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, e do representante da Embaixada do Brasil em Washington, Sérgio Amaral.

**Moisés Rabinovici,
de Washington.**